

MENTORIA ON-LINE: elemento de alta performance acadêmica

Andreza Regina Lopes da Silva (Entrevistada)
UFSC

Brisa Teixeira (Entrevistadora)
UFSC

O uso das tecnologias e metodologia da Educação a Distância (EaD) aplicada à mentoria de alunos de pós-graduação vem oportunizando a muitos acadêmicos o desenvolvimento de competências. Mas como um programa de mentoria com o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação Digitais (TICDs) pode colaborar para uma alta performance acadêmica? Quais as metodologias e práticas educativas utilizadas para o alcance dos objetivos dos alunos atendidos virtualmente? Esses e outros questionamentos fazem parte da entrevista com a mentora acadêmica e coach Andreza Regina Lopes da Silva, doutora em Mídia e Gestão do Conhecimento, com atendimento de alunos do Brasil e do exterior, chamados aqui na entrevista de mentorados. Nesse bate-papo, ela nos traz uma visão que vai além da sala de aula virtual e se expande numa proposta de educação em rede integradora.

BRISA: Como um programa de mentoria a distância pode promover a alta performance acadêmica?

ANDREZA: *No Brasil ter um mentor não é algo ainda comum. É um assunto que ocupa lugar secundário no contexto acadêmico, contudo, em países desenvolvidos, como: Estados Unidos, Canadá, Austrália e Espanha, por exemplo, são práticas recorrentes, quase que obrigatórias, não só nas universidades como também junto a empresas e executivos. Ter um mentor é acelerar os resultados de forma equilibrada, ou seja, em um processo de mentoria, os resultados são melhores e menos doloridos. O mentor é um profissional do conhecimento, uma pessoa com vasta experiência acumulada, com diferentes desafios superados e que, geralmente, tem uma diferença mínima de idade entre o seu mentorado. Essas são apenas algumas características que predominam sob o conceito de um programa de mentoria. Assim, posso dizer, com base em pesquisas por mim realizadas, que as instituições de ensino, que estão entre as melhores do mundo, têm programas de mentoria para seus acadêmicos, mesmo que não explicitamente. Os benefícios são vários: acesso à orientação e à motivação; acesso à aprendizagem por meio da experiência vivida; aumento da confiança social, acadêmica e profissional; desenvolvimento de senso crítico para tomada de decisão, estímulo à iniciativa; e a busca do autoconhecimento para definir metas e executar ações. Ou seja, ter um mentor é oportunizar o desenvolvimento de competências o que impacta diretamente na alta performance de um acadêmico. Em sua essência*

pedagógica, este processo leva o mentor e o mentorado à aprendizagem ao integrar atividades de apoio e facilitação para o desenvolvimento de competência. Então, independente da mentoria ser presencial ou a distância, o centro da discussão deve ser que a mentoria é uma prática que precisa ser integrada em instituições de ensino com a visão para uma formação de qualidade.

BRISA: Quais metodologias você utiliza para mediar e promover a interação entre mentor e mentorado?

ANDREZA: A mentoria é uma prática que pode ser aplicada em diferentes situações de ensino e aprendizagem para alta performance. Nessa concepção, distância física e temporal não têm limites. Com a fluência digital, as metodologias ativas são potencializadas, ocupando o espaço da didática tradicional. O uso das metodologias ativas na minha prática de mentoria aliada às Tecnologias de Informação e Comunicação Digital, as denominadas TICDs, se apresenta como uma forma de acelerar o processo de interação, dando lugar a uma didática moderna, na qual aluno e professor integram saberes, trocam experiência e buscam incessantemente o novo. Nesse sentido, por meio do uso das tecnologias digitais, minha proposta desenvolve-se também a partir do conceito de metodologias ativas porque levo o aluno a fazer o movimento, sou o mediador ajudando o mentorado a acelerar a conquista do resultado esperado. Acredito que as TICDs favorecem as práticas de metodologias ativas que por sua vez potencializam o desenvolvimento integral do aluno. Esta filosofia é simples, afinal o professor não é mais o detentor autoritário do conhecimento e tampouco o aluno é o receptor passivo. A interação é fundamental para que o ambiente possa contribuir de maneira relevante com o desenvolvimento sustentável desse indivíduo. Nos dias atuais, temos o aluno como protagonista do processo e o professor como mediador. Neste sentido o mentor, pode ou não ser o professor, é aquele que vai intervir para incentivar a formação significativa, facilitando a preparação do aluno para sua vida, o que inclui, principalmente, uma troca intensa no que diz respeito à jornada acadêmica e profissional. Dessa forma, podemos dizer que a mentoria aplicada no processo de alta performance acadêmica integra conceitos como metodologias ativas se favorece das TICDs estimulando uma aprendizagem significativa a partir dos mais diferentes métodos, por exemplo, aprendizagem baseada em problemas.

BRISA: É possível fazer uma avaliação da aprendizagem e do avanço dos seus mentorados, utilizando as TICDs? Você utiliza alguma específica?

ANDREZA: O avanço das tecnologias digitais para informar e comunicar tem ampliado não só a possibilidade de interação, como também a produção de trabalho compartilhado e em constante acompanhamento. Por exemplo, para desenvolver o processo de mentoria, eu utilizo o software Zoom. Ele permite que eu e meu aluno

estejamos em uma sala virtual somente nossa, o que difere, por exemplo, de softwares livre e comuns para este fim, como o Skype, onde eu ou meu mentorado podemos ser interrompidos a qualquer momento. Esta quebra pode comprometer o processo que leva alguns minutos para chegar ao que denominamos de “estado de flow” (um conceito proposto pelo psicólogo Mihaly Csikszentmihalyi e que é utilizado para descrever um estado de total envolvimento, aquele que nem percebemos o tempo passar, favorecendo o sucesso da atividade). Softwares, como o Zoom, permitem conexão total o que dá qualidade do encontro. Ainda no contexto acadêmico, utilizo também o Google Drive, como, o editor de texto para a construção colaborativa (mentor e mentorado) e ainda a planilha eletrônica para fazer algumas orientações e acompanhar as demandas emergentes do processo. Estes são os principais artefatos de tecnologia de informação e comunicação digital, que nos permitem estar muito próximos e, algumas vezes, mais conectados do que numa sala de aula presencial. Quantas vezes estamos presentes de corpo físico apenas? Portanto, na minha prática de mediação de mentoria on-line, percebo o quanto as TICDs surgem como elementos potencializadores do desenvolvimento continuado. E, por isso considero que a integração das TICDs com metodologias ativas são conceitos e práticas que vêm facilitar o processo de ensino e aprendizagem. Como professora e pesquisadora há mais de uma década da metodologia EaD posso afirmar, agora de forma comprovada no meu processo de coach e mentoria acadêmica on-line, que funciona e traz resultados extraordinários. E o melhor disso é que o nosso aluno, mesmo que ainda não tenha segurança por desconhecer o processo on-line, se surpreende com o resultado ao estar com você on-line seja de modo síncrono ou assíncrono. Aqui eu faria uma observação para quem pensa que EaD não funciona, que as TICDs não ajudam, realmente esta é uma verdade desde que sejam encaradas como o processo, na verdade EaD é uma metodologia que amplia a possibilidade de ensinar e aprender e as TICDs são recursos que potencializam este processo, mas perceba são meios e não fim. Então estar conectado com o propósito do desenvolvimento é a chave de todo o processo. Nada substitui o ensinar e o aprender. Diante desta assertiva, considero fundamental destacar a urgência de redefinirmos os papéis de alunos e professores, não só frente às TICDs, mas acelerada por elas. Temos que criar um ambiente sob nova abordagem que prepara o indivíduo para ser protagonista da sua jornada.

BRISA: *Você acredita que ainda há resistência de professores ao uso da TICDs e a ausência de projetos mais consistentes para a utilização delas?*

ANDREZA: *Eu não diria que há resistência, mas desconhecimento das infinitas possibilidades. Às vezes utilizar uma tecnologia é estar diante do desconhecido e sabemos que isso exige sair da zona de conforto. Contudo, no meu ponto de vista, o desafio das tecnologias está para os professores, assim como a exposição de um*

novo conteúdo está para o aluno, ou seja, está associado a aprender, a conhecer e a colaborar. Os alunos não nasceram sabendo o conteúdo específico e nem todo professor, hoje em sala de aula, nasceu digitalizado. Entretanto, o desafio é integrar os conceitos e práticas emergentes do desafio em benefício ao desenvolvimento. Então, não acredito em desculpas, acredito na vontade de se manter em desenvolvimento e atualizado. O professor do século XXI deve, entre as suas competências, ser um agente do conhecimento, que se considere eterno aprendiz e para tanto se disponha a estar em processo de aprendizagem contínua. Isso exige outras competências, como: liderança, criatividade, empreendedorismo. Combinações de atributos que vai gerar um ambiente, seja ele presencial ou on-line, propício à aprendizagem, a partir de diferentes recursos, que serão integrados e enriquecidos com experiências e orientações, que farão diferença na trajetória acadêmica e profissional e que, com certeza, vão marcar para sempre.

BRISA: Qual é o perfil docente que precisamos para as necessidades do século XXI?

ANDREZA: *Já é consenso que vivemos numa cultura digital e, por isso, as instituições de ensino, da educação básica ao ensino superior, que não trabalharem com a atualização do seu corpo docente estará fadada a uma conjuntura educativa, que não tem mais espaço. O mesmo serve para o professor. Ele precisa estar aberto às mudanças, pois na atualidade, já não é mais possível dar uma aula de qualidade, sem considerar as possibilidades das TICDs, da criatividade, do empreendedorismo, das reflexões, da aprendizagem continuada, do trabalho colaborativo. É preciso inovar para acompanhar o desenvolvimento. Sendo assim, quando o assunto é TICDs considero fundamental que seja desenvolvido um programa nacional de desenvolvimento para a formação de professores. Precisamos unificar as linhas de trabalho com a finalidade de valorizar o professor e aproximar o acadêmico, ainda em formação, com a prática projetada para as necessidades do século XXI. A exigência é para a interdisciplinaridade, tecnologias, empreendedorismo, entre outras práticas que permitam a experiência significativa ao longo da formação. Para isso é necessária uma intervenção à luz do professor, como mediador, coach, mentor. Um profissional que possibilita o acadêmico a alcançar um novo patamar alavancando-o ao seu propósito. Então, as barreiras são inúmeras, contudo, o movimento não é isolado e, por isso, deve ser analisadas como urgente e emergente as necessidades de uma sociedade do conhecimento, pois os atuais professores estão envolvidos no processo de formação acadêmica dos futuros educadores. E como formar para o futuro se atuo com limitações metodológicas?*

BRISA: *Numa escala de zero a dez como pode ser mensurada a contribuição das tecnologias de informação e comunicação digitais para um desenvolvimento acadêmico de alta performance?*

ANDREZA: *Não é novidade que a forma de comunicação digital mudou expressivamente a forma de se comunicar. Hoje, no nosso dia a dia, nossa vida social, se amplia em rede. Existe condições de trocas infinitas. Então eu considero que numa escala de zero a dez as tecnologias podem ser vistas como um indicador de número dez, ou seja, talvez hoje elas sejam o maior elemento de representatividade para promover novas condições de troca, descobertas e socialização para uma formação significativa. Esta realidade tem apontando em larga escala um movimento de desenvolvimento dinâmico que se amplia pela utilização de recursos, capacitação de recursos humanos e conscientização institucional e governamental. Afinal, é preciso garantir a qualidade da oferta frente a redefinição cultural. Em qualquer processo de aprendizagem, seja ele presencial ou a distância, as tecnologias digitais de comunicação precisam ser integradas. Isso quer dizer que as práticas de mediação para a construção do conhecimento devem ser reelaboradas, analisadas e ajustadas quantas vezes se fizer necessário. E se preciso for deve ser desconstruída de modo a equilibrar o uso dos recursos digitais, como, softwares de gestão. Aqui pode-se citar o Moodle, o Classroom do Google, entre outras infinitas possibilidades, e integrar, ainda, as redes sociais, estimulando a troca em grupo e ferramentas como Facebook e WhatsApp, excelentes para favorecer este engajamento. Contudo, importante lembrar que não basta aplicar as tecnologias é necessário que elas tenham sentido para além do simples uso técnico de modo a atender a complexidade deste movimento.*

BRISA: *O que é preciso para o sucesso de um programa de mentoria acadêmica?*

ANDREZA: *Como em todo e qualquer processo que envolve ensinar e aprender temos uma regra básica – é preciso fazer junto. É preciso estimular. É preciso querer aprender. Já dizia o velho provérbio chinês: “Se deres um peixe a um homem faminto, vais alimentá-lo por um dia. Se o ensinares a pescar, vais alimentá-lo toda a vida”. O que quero dizer? Que este processo é, acima de tudo, uma parceria onde ambas as partes se beneficiam da relação, embora o benefício primacial seja do mentorado. O processo de mentoria destaca-se como uma relação pessoal em que orientação, apoio e companhia de forma consistente são criadas no intuito de desenvolver competências, o que é de extrema relevância, tanto aos acadêmicos que iniciam suas jornadas ou aqueles que acabam de ascender a uma nova responsabilidade ou desafio. Muitas vezes o processo de mentoria é estimulado por um momento de dúvida e incerteza, mas a relação dificilmente se limita a uma situação ampliando-se no caminho do desenvolvimento; e não digo só na academia, não. Temos mentores em nossas vidas, não é verdade? Talvez você, quando achou que tinha escolhido*

qual universidade fazer, foi conversar com alguém mais experiente, buscando validar a sua ideia, não é mesmo? E essa pessoa como um mentor compartilhou experiência sobre formação, atividades integradas, trajetórias diversos, o que contribuiu para sua decisão. Contudo, para o sucesso desse processo, foi necessário que você além de receber as informações e transformá-las em conhecimento, aceitasse feedbacks, explorasse as oportunidades para progredir na busca de soluções de excelência. Afinal, o compromisso do mentor é guiar e do mentorado é desenvolver-se como protagonista de sua história. Então, a equação é simples: sucesso de mentoria = comprometimento (mentor + mentorado).

BRISA: *Você considera que seus atendimentos de mentoria, a distância, têm surtido bons resultados para o desenvolvimento da alta performance acadêmica?*

ANDREZA: *Primeiramente quero deixar claro que o processo de mentoria exige maturidade, logo meus acadêmicos, de todo lugar do Brasil que atendo, em grande parte alunos do doutorado e mestrado e atuais ou futuros professores universitários, geralmente em início de carreira, têm algo que a mentoria exige para ser de sucesso: maturidade e determinação para vencer. Com esses dois elementos têm-se um trabalho de cooperação, cocriação. Ou seja, o comprometimento com o resultado é o principal conector dessa relação e por isso gerenciamos de forma assertiva diferentes situações que emergem a estes cenários. Apesar do importante papel do mentor, seja um mentor externo ou interno ao processo, o sucesso depende efetivamente do mentorado. No meu caso, em que faço a mentoria externa nos meus programas de coaching e mentoria, uma intervenção que priorizo nas minhas aulas é a de levar o acadêmico a perceber que é meu papel criar um clima que propicia a mudança, mas jamais a faço por ele. Para funcionar é preciso estabelecer um relacionamento forte e as tecnologias digitais de comunicação podem ajudar muito para este cenário.*

BRISA: *Qual é o principal desafio a ser superado nos seus processos de mentoria, assim como das instituições brasileiras, que apostam no aprendizado a distância?*

ANDREZA: *Considero que há ainda, um longo caminho a percorrer no que se refere a desenvolvimento integral de pessoas. E por isso considero que as mudanças necessárias são as de base. É necessário melhorar a formação de professores, a disseminação de métodos didáticos integrados e a revisão de currículos de forma que sejam cada vez mais significativos, visando as necessidades de mercado. É um convite para deixarmos de ser meros produtores e agregarmos valor às novas soluções. Nós, brasileiros, infelizmente não temos esta cultura de ter um mentor. Mas esta prática é um poderoso elemento para o salto qualitativo. Pelos atributos que têm o processo de mentoria pode ser colocada à disposição do aluno pelas*

instituições de ensino, utilizando das práticas da educação a distância. Um desafio da era digital em que o ciberespaço inclui uma interconectividade de saberes e fazeres que ampliam a capacidade de refletir e agir para transformar. Um desafio que favorece as abordagens pedagógicas voltadas a emancipação social e crítica dos indivíduos dentro desta sociedade denominada “sociedade do conhecimento” em que o conhecimento é artefato de maior valor e, por isso, a exigência é de formação continuada e transdisciplinar. É um convite urgente para se olhar “fora da caixa”. Sendo assim acredito que para os próximos dez anos o crescimento da EaD é acelerado e integrado às práticas de desenvolvimento sem limitar-se ao contexto escolar. Hoje, numa economia do conhecimento, fazer educação, prestar serviços e desenvolver produtos não se limitam a infraestruturas físicas. Tudo se amplia em possibilidades por meio das redes informação e comunicação. Acredito que, do mesmo modo que o número de informação na rede se amplia exponencialmente, este é o caminho da EaD enquanto uma prática de educação para todos – essência desta modalidade educacional.

BIOGRAFIA DA ENTREVISTADA

ANDREZA REGINA LOPES DA SILVA – Doutora e mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento (UFSC). Especialista em Educação a Distância. Graduada em Administração e Pedagogia. Atualmente professora universitária, autora de livros e artigos científicos, coach e mentora acadêmica focada em resultados pelo equilíbrio da produtividade e bem-estar.

BIOGRAFIA DA ENTREVISTADORA

BRISA TEIXEIRA DE OLIVEIRA – Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (UFSC). Graduada em Jornalismo (PUC-PR) com especialização em Marketing (FAE), Ciberperiodismo (Universidade Autônoma de Barcelona), Formação de Orientadores Acadêmicos (Uninter) e Audiodescrição na Escola (UFJF). Atualmente é jornalista e audiodescritora, com foco na área educacional.